



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E EDUCAÇÃO**

EDILMA DA SILVA MORAES

**O PRECONCEITO LINGUÍSTICO NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA
PORTUGUESA DO 6º ANO, DA ESCOLA PÚBLICA: Reflexões e Propostas**

Guarabira – PB
Outubro – 2016

EDILMA DA SILVA MORAES

**O PRECONCEITO LINGUÍSTICO NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA
PORTUGUESA DO 6º ANO, DA ESCOLA PÚBLICA: Reflexões e Propostas**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em Letras-Português da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção de grau de Licenciada em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins.

Guarabira – PB

Outubro – 2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M828p Moraes, Edilma da Silva
O preconceito linguístico no livro didático de língua portuguesa do 6 ano, da escola pública [manuscrito] : reflexões e propostas / Edilma da Silva Moraes. - 2016.
24 p. : il.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2016.
"Orientação: Juarez Nogueira Lins, Departamento de Letras".

1. Preconceito linguístico. 2. Livro de Português. 3.
Discriminação. I. Título.

21. ed. CDD 306.44

EDILMA DA SILVA MORAES

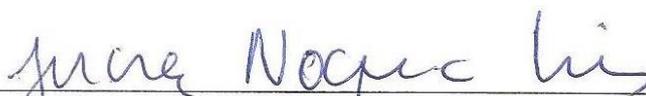
O PRECONCEITO LINGUÍSTICO NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA
PORTUGUESA DO 6º ANO, DA ESCOLA PÚBLICA: Reflexões e Propostas

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao curso de graduação em Letras-Português
da Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para a obtenção de
grau de Licenciada em Letras.

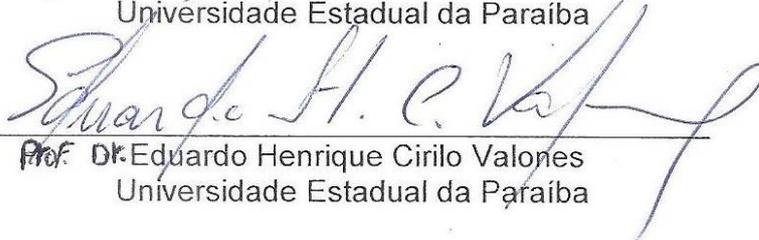
APROVADO EM: 21, 10, 2016

CONCEITO: _____

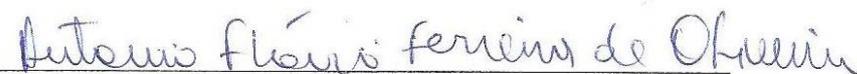
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins – Orientador
Universidade Estadual da Paraíba



Prof. Dr. Eduardo Henrique Cirilo Valones
Universidade Estadual da Paraíba



Prof. M^a. Antonio Flávio Ferreira de Oliveira
(PROLING/UFPB)

LISTA DE FIGURA

Figura 1: As variedades Linguísticas.....	13
Figura 2: Falar bem é falar adequadamente.....	15
Figura 3: Música de Adoniran Barbosa.	16
Figura 4: Para a gramática normativa, Chico Bento fala “errado”.	22

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	6
2 PRECONCEITO LINGUÍSTICO: CONSIDERAÇÕES GERAIS	7
3 O PRECONCEITO LINGUÍSTICO NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA.....	10
3.1 Caracterização do Livro Didático.....	10
3.2 Abordagem teórica sobre o preconceito linguístico	11
3.3 O preconceito Linguístico: atividades propostas.....	12
4 ANÁLISE DA PROPOSTA DO LIVRO DIDÁTICO E SUGESTÕES PARA A AULA	17
4.1 Análise da proposta do livro didático.....	17
4.2 Sugestões para a aula	18
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERÊNCIAS	23

O PRECONCEITO LINGUÍSTICO NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA DO 6º ANO, DA ESCOLA PÚBLICA: Reflexões e Propostas

Edilma da Silva Moraes¹
Juarez Nogueira Lins²

RESUMO

Este artigo apresenta uma abordagem sobre o estudo acerca das variações da língua portuguesa e do preconceito linguístico presente no livro didático (LD) de língua portuguesa – do 6º ano: *Linguagens*, de William Roberto Cereja; Thereza Cochar Magalhães, indicado pelo Programa Nacional do Livro Didático – PNLD, com o objetivo de responder as seguintes perguntas: O que é o preconceito linguístico e como ocorre? Como são as atividades inseridas no LD para o aprendizado do aluno acerca do preconceito linguístico? O livro didático supre a necessidade do professor de língua portuguesa a desenvolver as atividades sobre o preconceito linguístico presente no dia a dia do aluno? Levando em consideração as propostas de atividade inseridas no mesmo. Para tanto, buscou-se construir um quadro teórico a partir das discursões de Bagno (2008), Bortoni-Ricardo (2005), Dionísio; Bezerra (2005), e dos PCNs (BRASIL, 1938, 1998, 2008), Calvet (2002). Para a análise, foram selecionados do livro “*Linguagens*” (2012), (01) tira de Fernando Gonsales, (01) Tira de Adão Iturrusgarai, e (01) música de Adoniran Barbosa, seguidos de suas respectivas atividades. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico e interpretativista. Os resultados apontam que o Livro Didático (LD) ainda não contempla de forma efetiva a questão das variedades linguísticas e do preconceito linguístico.

Palavras-chave: Preconceito Linguístico. Livro didático de português. Discriminação.

1 INTRODUÇÃO

A reorganização de melhoramento no ensino fundamental no Brasil, mostra-se bastante antiga, estando relativamente associada ao processo de universalização da educação básica a qual se impôs a necessidade política para as nações do Terceiro Mundo a partir da metade do século XX. Entre a década de 1960 e 1970, as propostas de reformulação do ensino de Língua Portuguesa indicavam, fundamentalmente, mudanças no modo de ensinar, pouco considerando os conteúdos de ensino (BRASIL, 1998).

A preocupação com os livros didáticos no Brasil, foram discutidas a partir da criação da Legislação do Livro Didático, criada em 1938 pelo Decreto-Lei 1006. O

¹ Graduanda em Licenciatura Plena em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba – Campus III, Guarabira – PB. E-mail: edilma_moraes_20@hotmail.com

² Doutor em Estudos da Linguagem (Linguística Aplicada) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN.

Art. 4º do mesmo Decreto diz: “Os livros didáticos editados pelos poderes públicos não estarão isentos da prévia autorização do Ministério da Educação, para que sejam adotados no ensino pré-primário, primário, normal, profissional e secundário” (BRASIL, 1938).

Como base de estudo, o LD de língua portuguesa do 6º ano da escola pública, discute no capítulo 2 – A língua em foco; as variedades linguísticas, norma-padrão e variedade de prestígio, falar bem é falar adequadamente, tipos de variações linguísticas (págs. 36 à 46) relativo ao preconceito linguístico, para auxiliar o professor em sala de aula.

Esta pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico e interpretativista, tem como objetivo, analisar o tratamento dispensado ao preconceito linguístico no livro didático de língua portuguesa do 6º ano da escola pública, proposta para os anos 2014 à 2016. Para responder tal objetivo, fez-se necessário responder as seguintes perguntas: O que é o preconceito linguístico e como ocorre? Como são as atividades inseridas no LD para o aprendizado do aluno acerca do preconceito linguístico? O livro didático supre a necessidade do professor de língua portuguesa a desenvolver as atividades sobre o preconceito linguístico presente no dia a dia do aluno?

2 PRECONCEITO LINGUÍSTICO: CONSIDERAÇÕES GERAIS

Segundo Bagno (2008), não existe uma forma “certa” ou “errada” dos usos da língua e que o preconceito linguístico, é gerado pela ideia de que existe uma única língua correta (baseada na gramática normativa), colabora com a prática da exclusão social. O fato é que, como a ciência linguística moderna já provou e comprovou, não existe nenhuma língua no mundo que seja “una”, uniforme e homogênea”. (BAGNO, (2008, p.27).

O Preconceito Linguístico é gerado pelas diferenças linguísticas existentes entre um mesmo idioma. De tal modo, estão associado às diferenças regionais desde dialetos, regionalismo, gírias e sotaques, os quais são desenvolvidos ao longo do tempo e que envolvem os aspectos históricos, sociais e culturais de determinado grupo.

Apesar da língua materna brasileira ter apenas um nome (português), ela é muito diversificada. O ministério da educação, através dos PCN (1998:29), considerando a variação como um traço constitutivo das línguas humanas,

reconhecer que no Brasil “quando se fala em ‘Língua Portuguesa’ está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades (DIONISIO; BEZERRA 2005, p77).

A questão se acentua quando se abordam os sinônimos de fala e de escrita, ambas fazem parte do cotidiano, e não devem ser confundidas, porque a fala é natural à pessoa, enquanto a escrita pode ou não ser aprendida. A língua escrita e a língua falada são muito diferentes; a primeira é estática e não tem mudanças, a segunda vive em mutações, adaptando-se as novas gerações.

As diferenças não são bem aceitas por pessoas com maior prestígio linguístico, essas consideram um desrespeito à norma culta falar de forma coloquial e tentam impor uma unidade linguística, ou seja, apesar da enorme diversidade e variabilidade apresentada pela língua, no uso cotidiano, faladas no Brasil, as pessoas tendem a transformar a variedade linguística utilizada pelo outro em “erro”.

Apesar das diversidades da língua, existe a discriminação de uma variante, o preconceito linguístico, que é muito visível em pessoas com baixo nível de escolaridade, classificadas como “ignorantes” ou pessoas que “não sabem falar”.

O preconceito linguístico é uma forma de preconceito social a determinadas variedades linguísticas que distingue e separa classes sociais, censurando ou prestigiando falantes da língua portuguesa brasileira.

Esse preconceito linguístico baseia-se, segundo Bagno

[...] na crença de que só existe [...] uma única língua portuguesa digna desse nome e seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, ‘errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente’, e não é raro a gente ouvir que ‘isso não é português’. (BAGNO, 2008, p. 56).

É importante abordar que a língua é um sistema regado, porém não é um sistema fechado. Ela está em constante mutações, ou seja, mudando ao decorrer do tempo, do espaço, da classe social.

É importante a existência de uma norma gramatical que regulamente a escrita, porém a mesma acaba servindo como um instrumento de exclusão social, por não reconhecer a língua como uma unidade viva e mutável, ela passa a ser aproveitada como meio de distinção social daqueles que têm acesso à educação e

desprezo daqueles que não a têm. Além disso, acaba provocando também o preconceito com determinadas constituições linguísticas que variam de acordo com as regiões do país.

Diante disso, Bagno ressalta:

Antes de empreender qualquer trabalho pedagógico, é necessário reconhecer e conhecer a realidade sociolinguística do público-alvo, para que se possa partir em direção à ampliação do repertório linguístico e da competência comunicativo dos aprendizes. (2008, p 33).

As modificações no ato comunicativo são implicações da intensa mudança do ser humano na oralidade, por diferentes culturas, nível escolar, faixa etária, classe social, zona de moradia urbana ou rural, etc.

Sobre isso Bagno diz:

Toda e qualquer língua humana viva é, intrinsecamente e inevitavelmente, *heterogênea*, ou seja, apresenta *variações* em todos os níveis estruturais (fonológico, morfológico, sintaxe, léxico, etc.) e em todos os níveis de uso social (variação regional, social, etária, estilística etc.) (2008, p.27-28).

A língua portuguesa, por ser formada por diferentes falares, atende a diferentes modos comunicativos, de expressar-se, em alguns casos, às pessoas que não têm domínio da norma culta são consideradas pessoas que falam “errado” isso é bem visível em pessoas com baixo nível escolar, consideradas na sociedade como ‘analfabetas’, que não possui domínio na área da linguística.

A língua não é unidade, por isso é importante explicar sobre as variedades e diversidades que a língua consiste, sou seja, deve ser mostrada de forma coesa essas variedades, tanto da língua culta, como da língua “não padrão” (LNP).

Segundo Marcos Bagno:

É preciso, portanto, que a escola e todas as demais instituições voltadas para a educação e a cultura abandonem esse mito da “unidade” do português brasileiro e passem a reconhecer a *verdadeira diversidade linguística de nosso país* para melhor planejarem suas políticas de ação junto à população amplamente marginalizada dos falantes das variedades sem prestígio social. (2008, p. 32).

O preconceito linguístico pode desestruturar socialmente uma pessoa, pois o simples ato de ironizar o erro de uma pessoa acaba cercando o aluno com o medo do erro, o que pode acabar prejudicando o seu desempenho escolar e assim ocorrer a evasão de muitos alunos.

A norma culta, tida como norma padrão, deveria ajudar na formação de uma sociedade concisa, em termos linguísticos, e consciente da importância da língua, no entanto, isso se tornou um problema, pois esta norma que deveria unir acaba excluindo pessoas com menor prestígio linguístico. Apesar disso, a gramática deve fazer parte do material didático da escola, pois ela deve servir como um meio de orientação.

3 O PRECONCEITO LINGUÍSTICO NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA

3.1 Caracterização do Livro Didático

O livro *“Linguagens”* de Cereja; Magalhães (2012) está dividido em quatro unidades, com três capítulos cada, desdobrados em tópicos e seguidos de sugestões de tarefas de estudo, indicado pelo Programa Nacional do Livro Didático – PNLD, possuindo, em sua totalidade 226 páginas.

O livro apresenta uma linguagem clara, constituída de múltiplas variedades sociais representadas no dia a dia do aluno, em casa e na escola, empregadas no desenvolvimento das competências do uso da língua. Os textos e trabalhos sugeridos aos alunos levam os mesmos ao desenvolvimento do pensamento crítico, fazendo com que eles pensem e discutam em pequenos e grandes grupos.

O livro auxilia o processo de desenvolvimento da autonomia do alunado, ampliando seu conhecimento a partir de leituras, atividades de produção escrita, proporcionando sua maior participação nos processos de interação social em situações de comunicação.

A leitura como interlocução entre escritor e leitor é medida pelo texto, através de vários gêneros textuais encontrados no livro, para a prática de leitura, como por exemplo: a tira, as histórias em quadrinhos, o e-mail, a música, a carta pessoal, o artigo de opinião, etc., ampliando por meio deles a competência leitora do aluno.

O livro estabelece não só a escrita, mas também a oralidade em sala, por exemplo, após as explicações teóricas, é proposta atividades as quais os alunos terão que realizar a partir do que viram em sala. No plano linguístico, encontramos atividades que abordam adequadamente a estrutura e as características de diferentes gêneros.

As imagens encontradas no livro didático são bem relacionadas ao texto, e auxiliam na compreensão do aluno, com boa impressão gráfica, atraindo a leitura através de cores e imagens. O sumário é bem organizado e facilita na busca de cada tema a ser estudado.

O livro didático prioriza ainda mais a gramática normativa e, em seguida, a leitura e produção textual, deixando outras capacidades que poderiam ser empregadas a competência dos discentes. Acreditamos que ele deveria valorizar menos a gramática e enfatizar mais as outras competências.

3.2 Abordagem teórica sobre o preconceito linguístico

Na percepção de Bagno (2008), o preconceito linguístico é uma discriminação sofrida pelos falantes com menos prestígio linguístico. Para analisá-lo Bagno relaciona oito mitos que revelam o comportamento preconceituoso frente às variantes no uso da língua e as relações desse comportamento com a manutenção do poder das elites e opressão das classes sociais menos favorecidas, normalmente por meio da padronização imposta pela norma culta.

Bagno (2008), argumenta que os mitos existentes à língua são prejudiciais à educação, pois retiram a variabilidade linguística do que é ensinado nas escolas e passam a ideia da existência de uma única língua, comum a todos os brasileiros, não se levando em consideração os diversos fatores essenciais a cada grupo da população. “Usar a língua, tanto na modalidade oral como na escrita, é encontrar o ponto de equilíbrio entre dois eixos: o da adequabilidade e o da aceitabilidade” (BAGNO, 2007, p 154).

Segundo Bagno (2008), o alto grau de diversidade linguística no Brasil tem como uma de suas causas a injustiça social, geradora de um abismo linguístico entre a norma padrão e não-padrão (presentes na maioria dos brasileiros).

Bortoni-Ricardo (2005), em seu livro, “*Nós chegamos na escola, e agora?*”, aponta como trabalhar as variedades linguísticas no meio escolar, a autora destaca

que o educador precisa adequar alguns pontos relevantes no que se refere às questões referentes à língua, tais como: marcas de oralidade, níveis de registro, entre outros.

Para Bortoni-Ricardo (2005), é preciso um tratamento digno das diferenças sociolinguísticas e culturais que ocorrem no português dos alunos-usuários no contexto usual.

“É interessante constatar que, nas sociedades modernas, os valores culturais associados à norma linguística de prestígio, considerada correta, apropriada e bela, são ainda mais arraigados e persistentes que outros, de natureza ética, moral e estética”, (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 13).

Nos parece que a língua se sobrepõe os demais aspectos.

Segundo Calvet (2002), a sociolinguística tem por objeto de estudo os padrões de comportamento linguístico dentro de uma comunidade em um sistema heterogêneo, constituído por unidades e regras variáveis. Segundo Calvet (2002), os processos de mudança que se verificam em uma comunidade de fala se atualizam na variação observada em cada momento nos padrões de comportamento linguístico observados nessa comunidade, sendo que, se a mudança implica necessariamente na variação, a variação não implica necessariamente mudança aos comportamentos sociais que a norma provoca nas variações, não se refere apenas a línguas diferentes definem e limitam pessoas ou grupo de pessoas na sociedade.

O autor relata que, os processos de mudanças que ocorrem na comunidade de fala são primordiais na sociolinguística. Comunidade de fala não é entendida como um grupo de pessoas que falam exatamente igual, mas que compartilham traços linguísticos que distinguem seu grupo de outros.

3.3 O preconceito Linguístico: atividades propostas

Considerando que o objetivo deste trabalho é abordar o preconceito linguístico proposto no livro didático de língua portuguesa do 6º ano da escola pública, para os anos 2014 a 2016 será feita uma análise da proposta de atividade do LD, e assim, relatar como as atividades inseridas, se adequam a faixa etária do alunado e se o conteúdo inserido no livro supre a capacidade do aluno aprender o que é o preconceito linguístico.

De acordo com o PCN (2008) de língua portuguesa do ensino fundamental.

A língua Portuguesa é uma unidade composta de muitas variedades. O aluno, ao entrar na escola, já sabe pelo menos uma dessas variedades – aquela que aprendeu pelo fato de estar inserido em uma comunidade de falantes. [...] ele é capaz de perceber que as formas da língua apresentam variações e que determinadas expressões ou modos de dizer podem ser apropriados para certas circunstâncias, mas não para outras. (BRASIL, 2008, p. 81).

Existem formas de se dirigir a alguém, falas mais cuidadas e falas mais cerimoniais. Portanto, tudo dependerá de quem diz: o quê, a quem, como, quando, onde, por quê, visando o efeito causado ao outro.

Observemos as atividades seguintes:

Figura 1: As variedades Linguísticas.

Leia a tira abaixo, de Fernando Gonsales.



Forte: Cereja; Magalhães (2012, p.36).

1. O humor da tira é construído a partir das diferenças de uso da língua portuguesa. No 1º quadrinho, o papagaio fala algumas palavras que causam estranhamento à mulher.
 - a) Que palavras causam estranhamento à mulher?
 - b) Como provavelmente ela diria essas palavras?
2. Para que o leitor compreenda bem a tira, é necessário que ele tenha conhecimento sobre como os papagaios aprendem a falar. De que forma isso acontece?
3. No 3º quadrinho, a mulher procura o comerciante para devolver o papagaio.
 - a) Qual é a provável relação entre o homem e o papagaio?
 - b) A surpresa e a graça da tira estão na fala do comerciante. O que ela revela?
4. Os modos de uso da língua frequentemente geram preconceitos, isto é, podem levar as

peças a serem julgadas positiva ou negativamente. Considerando a situação em que o papagaio aprendeu a falar responda: Que outra razão pode ter levado a mulher a querer devolver o papagaio?

A partir da tira de Fernando Gonsales, podemos observar que os diferentes modos de uso da língua geram preconceitos, ou seja, podem levar as pessoas a serem julgadas positiva ou negativamente, aqui o falante é influenciado por outro, gerando assim a discriminação.

O autor do LD explora a tira de Fernando Gonsales, para discutir a diversidade linguística que existe no Brasil. O país é diversificado nos aspectos físicos, sócio econômico e linguístico. Subdividido em pequenos e grandes estados, população de diferentes classes sociais, em diferentes regiões, podendo ser do litoral ao sertão, nas pequenas e grandes cidades, na zona rural, possuindo diversas culturas. É natural que a língua portuguesa sofra variações, a que se chama de variação linguística.

Outros tipos de variações são:

- Diafásicas: decorre das diferentes situações (contexto) de uso da língua, ou seja, um médico não pode dirigir-se ao um lavrador da zona rural com formalidade, pois causará incompreensão ao interlocutor.
- Diastráticas: decorre dos diferentes grupos sociais, cujos fatores, relacionados à faixa etária, profissão, estado social, entre outros, ou seja, é uma variação social e pertence a um grupo específico de pessoas.
- Diatópicas: decorre das diferenças espaciais (geográficas). Um exemplo deste tipo de variação é a palavra “mandioca” que, em certos lugares, recebe outras denominações, como “macaxeira” e “aipim”. Nesta modalidade também estão os sotaques, ligados às marcas orais da linguagem.

Uma língua também pode apresentar variações decorrentes de outros fatores, como a idade, profissão, grau de escolaridade. A maneira como expressar-se, formal e informal, depende portanto, da situação comunicativa não existe língua bonita nem feia, fácil nem difícil.

Figura 2: Falar bem é falar adequadamente.



Forte: Cereja; Magalhães (2012, p. 39).

1. Zezo e seus pais vão a um casamento, e o pai de Zezo reclama da roupa do filho.
 - a) Como Zezo está vestido no 1º quadrinho? Essa roupa é formal ou informal?
 - b) E os pais, como estão vestidos? Essa roupa é formal ou informal?
 - c) Como o pai de Zezo esperava que o filho se vestisse para ir à festa?
2. O humor da tira concentra-se no último quadrinho. Zezo atendeu à expectativa dos pais? Por quê?

O autor utiliza a tira de Adão Iturrusgarai, para fornecer um conceito de adequação e inadequação através das roupas das personagens da tira, mostra-se que com a língua não é diferente, o emprego da língua varia de acordo com a situação. Em situações mais formais, é adequado empregar uma variedade linguística formal, próxima a norma-padrão. Em situações informais, empregar-se uma variedade linguística informal, sem a rigidez das regras gramaticais.

Quando se está fora da escola vivenciamos algumas variedades, como a fala no âmbito familiar, na rua ou no bairro. Porém, na escola, tem-se a oportunidade de aproximar-se das variedades linguísticas de prestígio, que também são indispensáveis para a vida social e profissional.

Todas e quaisquer variedades linguísticas têm seu valor e sua importância, porém saber usá-las e empregá-las em cada situação se torna indispensável. É inadequado, alguém fazer uma palestra com linguagem considerada imprópria para o momento como gírias, pois dificilmente será aceita pelos ouvintes, e nem um

agrônomo pode-se dirigir a um lavrador, analfabeto usando uma terminologia altamente técnica, pois não efetivará a intenção.

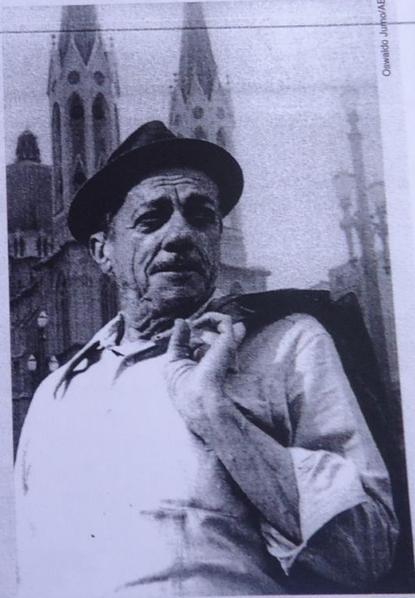
Figura 3: Música de Adoniran Barbosa.

EXERCÍCIOS

O compositor Adoniran Barbosa retratou em suas canções alguns tipos populares que habitavam bairros italianos de São Paulo no século XX. Observe um trecho de uma de suas canções mais famosas (se possível, ouça-a no site <http://letras.terra.com.br/demonios-da-garoa/45444/>):

Saudosa maloca

Si o senhor não tá lembrado
 Dá licença de conta
 Que aqui onde agora está
 Esse edifício arto
 Era uma casa veia
 Um palacete assobradado
 Foi aqui, seu moço
 Que eu, Mato Grosso e o Joca
 Construímos nossa maloca
 Mais um dia
 nós nem pode se alembra
 Veio os homi cas ferramentas
 O dono mandô derrubá
 Peguemos tudo as nossas coisa
 E fumos pro meio da rua
 Preciá a demolição
 Que tristeza que nós sentia
 Cada tauba que caia
 Duta no coração
 Mato Grosso quis gritá
 Mas em cima eu falei:
 Os homi tá ca razão
 Nós arranja outro luga
 Só se conformemos quando o Joca falou:
 "Deus dá o frio conforme o cobertô"
 E hoje nós pega a paia nas grama do jardim
 E pra esquecê nós cantemos assim:
 Saudosa maloca, maloca querida
 Que dim donde nós passemos dias feliz de nossa vida



Adoniran Barbosa.

("Saudosa maloca", de João Rubinato (Adoniran Barbosa). © 1955 by Irmãos Vitale S. A. Indústria e Comércio. Todos os direitos reservados para todos os países.)

Forte: Cereja; Magalhães (2012, p. 43)

1. Na letra, o locutor lamenta o problema que ele e seus amigos estão enfrentando.

a) Que tipo de problema enfrentam?

b) Pela linguagem, qual é o provável perfil socioeconômico e cultural do locutor e de seus amigos?

2. Identifique no texto:

a) duas palavras que associam ao dialeto caipira;

b) Variação linguística ocasionada por baixa escolaridades; c) exemplos da língua oral formal.

3. Uma letra de música é uma obra de criação artística e nem sempre corresponde à realidade linguística. Observe estes versos da canção:

Foi aqui, seu moço

Que eu, Mato Grosso e o Joca

Construímos nossa maloca

O emprego da palavra **construímos** é condizente com o perfil sociocultural da personagem que canta a canção? Justifique sua resposta.

4. Passe alguns versos da canção para a norma-padrão e compare-os à canção original. Ela ainda continuaria tendo a mesma expressividade na norma-padrão? Por quê?

4 ANÁLISE DA PROPOSTA DO LIVRO DIDÁTICO E SUGESTÕES PARA A AULA

4.1 Análise da proposta do livro didático

As variações acontecem porque o princípio fundamental da língua é a comunicação. Então é compreensível que seus falantes façam ajustes de acordo com suas necessidades comunicativas. Os diferentes falares devem ser considerados como variações, e não como 'erros'. Quando trata-se das variações como 'erro', comente-se o preconceito linguístico que integra, incorretamente, a língua ao status. O português falado em algumas cidades do interior pode ganhar o estigma pejorativo de incorreto ou inculto, mas, na verdade, essas diferenças enriquecem esse patrimônio cultural que é a língua portuguesa.

Foi encontrado poucas alusões no que diz respeito ao preconceito linguístico: duas tiras, uma que aborda as variedades linguísticas e outra que aborda a norma-padrão. O capítulo possui um único exercício sobre a variação linguística e o preconceito linguístico: a canção de Adoniran Barbosa, a partir da qual os alunos responderiam a quatro questões relacionadas à música.

Acredita-se que deveriam se efetivar mais atividades sobre o preconceito linguístico. Além dessa proposta sugerida no livro sobre o preconceito linguístico, outras poderiam ser exploradas como por exemplo o gênero letra de canção, como a versão original Asa Branca de Luiz Gonzaga, o rei do Baião, poemas como os de Patativa do Assaré, histórias em quadrinhos como as da turma da Mônica, etc. Possibilidades para discutir e criar, na sala de aula, um espaço de respeito às variedades não-padrão. Seguem-se algumas sugestões.

4.2 Sugestões para a aula

O PCN (Parâmetros curriculares nacionais) de língua portuguesa do ensino fundamental propõe algumas atividades que permitem explorar mais intensamente questões de variações linguísticas.

Observemos.

- Transcrição de textos orais, gravuras em vídeo ou cassete, para permitir identificação dos recursos linguísticos próprios da fala;
- Edição de textos orais para apresentação, em gênero da modalidade escrita, para permitir que o aluno possa perceber algumas das diferenças entre a fala e a escrita;
- Análise da força expressiva da linguagem popular na comunicação cotidiana, na mídia e nas artes, analisando depoimentos, filmes, peças de teatro, novelas televisivas, música popular, romances e poemas;
- Levantamento das marcas de variações linguísticas ligadas a gênero, gerações, grupos profissionais, classe social e área de conhecimento, por meio da comparação de textos que tratem de um mesmo assunto para o público com características deferentes:
 - Elaboração de textos procurando incorporar na redação traços da linguagem de grupos específicos;
 - Estudo de textos em função da área de conhecimento, identificado jargões próprios da atividade em análise;
 - Comparação de textos sobre o mesmo tema veiculados em diferentes publicações (por exemplo, uma matéria sobre meio ambiente para uma revista de divulgação científica e outra para o suplemento infantil);
 - Comparação entre textos sobre o mesmo tema, produzidos em épocas diferentes;
 - Comparação de duas traduções de um mesmo texto original, analisando as escolhas estilísticas feitas pelos tradutores;
 - Comparação entre um texto original e uma versão adaptada do mesmo texto, analisando as mudanças produzidas;

- Comparação de textos de um mesmo autor, produzido em condições diferentes (um artigo para uma revista acadêmica e outro para uma revista de divulgação científica);
- Análise de fatos de variações presentes nos textos dos alunos;
- Análise e discussão de textos de publicidade ou de imprensa que veiculem qualquer tipo de preconceito linguístico;
- Análise comparativa entre registro da fala ou de escrita e os preceitos normativos estabelecidos pela gramática tradicional.

As recomendações dos PCN, citadas, podem contribuir para o desenvolvimento da educação linguística, elemento importante na erradicação do preconceito linguístico na sala de aula. Outras propostas:

Asa Branca, Luiz Gozaga, composta em 3 de março de 1947.

Quando oiei a terra ardendo
Qual fogueira de São João
Eu perguntei, a Deus do céu, ai
Por que tamanha judiação

Que braseiro, que fornaia
Nem um pé de prantação
Por farta d'água perdi meu gado
Morreu de sede meu alazão

Inté mesmo a asa branca
Bateu asas do sertão
Entonce eu disse adeus Rosinha
Guarda contigo meu coração

Hoje longe muitas légua
Numa triste solidão
Espero a chuva cair de novo
Para mim vorta pro meu sertão

Quando o verde dos teus oios
Se espaiar na prantação
Eu te asseguro não chore não, viu
Que eu vortarei, viu
Meu coração

Atividade

1. Identifique na letra da música de Luiz Gonzaga, as variações linguísticas.
2. Como essas variações, seriam escritas na norma culta?
3. Em uma análise linguística, apesar dos desvios da norma culta, o trecho apresenta dificuldades para a compreensão?
4. Faça uma análise comparativa entre fala e escrita.

Através da letra da música o professor explicaria o léxico existente nas letras das músicas de Luiz Gonzaga que prioriza as variedades presentes no cotidiano do homem nordestino e a diferença entre fala e escrita. Enfatizando assim que a mesma palavra seria de diferentes modos de acordo com o tipo de situação em diferentes meios.

O professor não deve pedir aos alunos que transcrevam a canção, ou qualquer outro gênero para a norma culta, pois subtrairá a capacidade do aluno entender a heterogeneidade linguística. Canções como essa podem ser utilizadas nas aulas para retratar a fala dos sertanejos ou pessoas que moram em zonas rurais com baixo nível de escolaridade. Apresentamos em seguida o texto de patativa do Assaré:

Poema de Patativa do Assaré, O Poeta da Roça

Sou fio das mata, canto da mão grossa,
Trabáio na roça, de inverno e de estio.
A minha chupana é tapada de barro,
Só fumo cigarro de paia de mío.

Sou poeta das brenha, não faço o papé
De argun menestré, ou errante cantô
Que veve vagando, com sua viola,
Cantando, pachola, á percura de amô.
Não tenho sabença, pois nunca estudei,

Apenas eu sei o meu nome assiná.
Meu pai, coitadinho! Vivia sem cobre,
E o fio do pobre não pode estudá.

Meu verso rasteiro, singelo e sem graça,
Não entra na praça, no rico salão,
Meu verso só entra no campo e na roça

Nas pobre aioça, da serra ao sertão.
(...)

Atividade

01. Esse falante, pelos elementos explícitos e implícitos no poema, é identificável como:

- a) Escolarizado proveniente de uma metrópole.
- b) Sertanejo de uma área rural.
- c) Idoso que habita uma comunidade urbana.
- d) Escolarizado que habita uma comunidade no interior do país.
- e) Estrangeiro que imigrou para uma comunidade do sul do país.

02. Você acredita que a forma de falar e de escrever comprometeu a emoção transmitida por esse poema?

03. No poema em questão, a concordância de plural não ocorre em várias construções. Identifique no texto algumas delas.

O poema acima, de Patativa mostra os fenômenos fonéticos inserindo ao preconceito linguístico em relação as pessoas de menor prestígio social.

O preconceito em relação a maneira de falar das pessoas, pode nascer dentro da sala de aula, ainda no ensino fundamental. Isso porque a pedagogia da língua que prevalece na escola é justamente a de que só existe uma língua correta, condenando assim os falantes do português não-padrão.

A linguagem não-padrão é estigmatizada simplesmente pelo fato da padrão ser utilizada pela elite, pela classe social de maior prestígio, excluindo assim os falantes não escolarizados, que não seguem a língua não-padrão. Quem mais sofre com o preconceito são os alunos em sala, pois, alguns colegas que fazem parte de uma classe social mais prestigiada ou não acabam discriminando-os. Às vezes é tanto constrangimento que alguns se sentem humilhados e desmotivados a prosseguirem seus estudos. O mesmo acontece com outras pessoas fora da escola. Estas, por falta de oportunidade ou motivação não possuem um nível de escolaridade que permitam a utilização da língua culta ou padrão “considerada” a correta.

Figura 4: Para a gramática normativa, Chico Bento fala “errado”.



Fonte: disponível em: <http://br.monografias.com/trabalhos3/historias-em-quadrinhos-formacao-leitores/historias-em-quadrinhos-formacao-leitores2.shtml>. Acesso em 05/10/2016.

Atividade

01. Que variação linguística está sendo usada por Chico Bento?
02. A fala de Chico Bento apresenta marcas da linguagem escrita ou da linguagem oral? Dê alguns exemplos que justifiquem sua resposta.
03. Que tipo de linguagem é utilizada no quadrinho: verbal, não verbal ou mista? Por quê?
04. Reescreva as falas consideradas inadequadas com relação à norma padrão.

Os professores e, por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. [...] essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade. (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 15). Esse é o caminho para uma democratização e distribuição justa de bens culturais, entre os quais a língua é o mais importante.

O Preconceito Linguístico existente em torno de variantes linguísticas menos prestigiadas como a gíria e a fala do caipira. Devem ser combatidas. Ensinar a importância da norma culta e das outras variedades linguísticas nas aulas proporcionará capacitação crítica do aluno, minimizar a ideia de uso certo ou errado da língua.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados apontam que o livro didático ainda não contempla de forma efetiva a questão das variedades linguísticas e o preconceito linguístico.

Considerando o que foi apresentado, podemos dizer que no LD analisado foram poucas as atividades que abordam as questões e sugestões sobre o tratamento que deve ser adotado ao preconceito linguístico. E além disso, todo o conteúdo referente ao tema se apresenta em um único capítulo. Assim o educador, um meio para se chegar ao conhecimento, deve organizar seu trabalho selecionando outras formas de atividades sobre o assunto em questão, para que dessa forma os educandos obtenham informações sobre variação e preconceito linguístico, proporcionando prazer aos alunos que estão ali em busca de um novo conhecimento, sabendo que cada pessoa tem uma maneira diferente de ver determinado conteúdo.

Portanto, sobre quais atividades trabalhar o preconceito linguístico e em uma dada sala de aula vai depender das escolhas do professor. Assim, é essencial que o professor não se prenda as propostas e atividades apenas do livro, pois várias atividades não condizem com a idade e as dificuldades dos alunos. Sempre é necessário propor outras formas de atividades que promovam uma discussão sobre o tema do preconceito linguístico a partir de canções, peças teatrais, cordel, quadrinhos, entre outros gêneros.

Para que isso se efetive é necessário que os educadores ampliem sua formação não apenas teórica, mas também metodológica, respeitando assim as diferenças linguísticas e compreendendo-a. Para assim melhorar a capacidade comunicativa e linguística do aluno e possibilitar que ele conheça como a língua está constituída, como ela funciona, além de transformá-lo em um sujeito capaz de raciocinar e pensar a realidade em que ele está inserido.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: O que é, como se faz.** – 50. ed. Loyola. 1999, 2008.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós Chegemu na escola, e agora?** Sociolinguística na sala de aula. – 2. ed. - São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BRASIL, Decreto-Lei nº 1.006, de 30 de dezembro de 1938. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-1006-30-dezembro-1938-350741-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acessado em: 05/10/2016.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 106 p.

BRASIL/SEMTEC. *PCN. Parâmetros curriculares nacionais*. Volume Linguagens: códigos e suas tecnologias. Brasília: Mec/Semtec, 2008.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguísta: uma introdução crítica/** tradução Marcos Marcionilo. – São Paulo: Parábola, 2002. 176p., 18 cm.

CEREJA, William Roberto, MAGALÃES, Thereza Cochar. **Português: Linguagens, 6º ano: língua portuguesa**. – 7. Ed. Reform. – São Paulo. Saraiva. 2012.

DIONISIO, Angela, Paiva, BEZERRA, Maria auxiliadora. **O Livro Didático de Português**: múltiplos olhares. 3 ed. – Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. P 75 – 88.